

SOL DA VERDADE

CONTRA AS SOMBRAS DA IGNORANCIA

Com que o Author da Censura chamada Politica , e Catholica quiz oblcurecer as luzes da eloquencia com que se illustrou a Carta do Anonymo.

Escrita sobre a repassagem que fez no Rheno o Principe

CARLOS DE LORENA

O F E R E C I D O

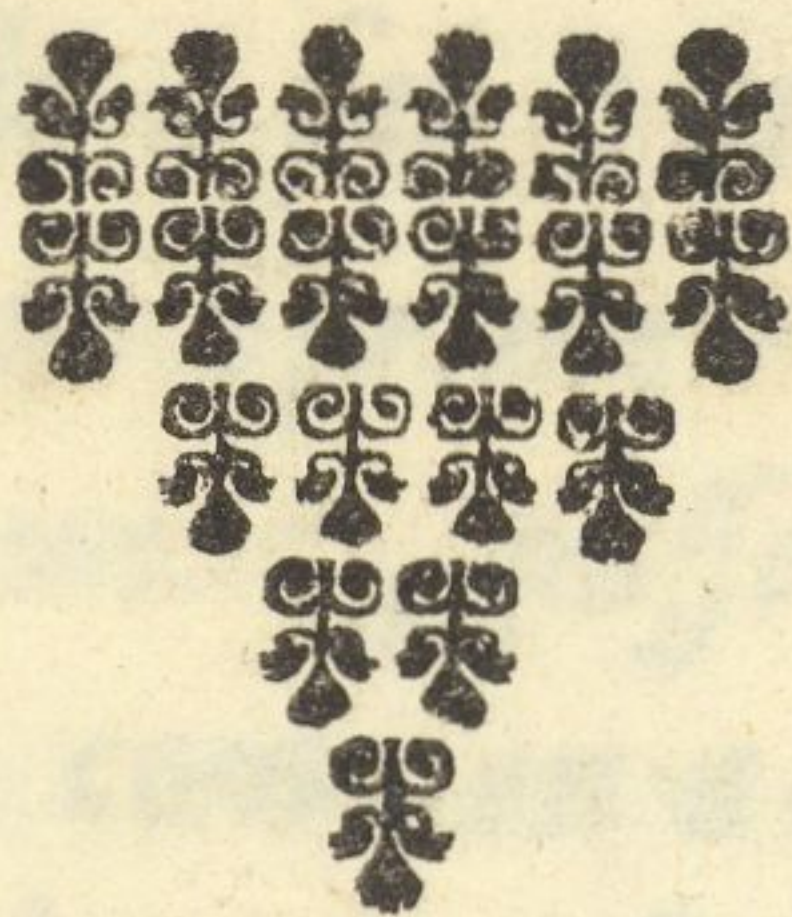
A

TOME CABRAL DE NEGREIROS

P O R

MANOEL DE PASSOS

Mestre de latir em Lisboa.



En SEVILLA : por JUAN FRANCISCO BLAS de QUESADA
Impressor Mayor da dicha Ciudad. Año de 1745,

SOL DA VERDADE

CONTRA AS SOMBRAS DA IGNORANCIA

Com que o Arcebispo de Lisboa e o grande Político e Catholico douto
escriuente e mais de honra e com que se illustrou a Carta
do Arcebispo.

Em Lisboa no Officio de Impressão de Sua Magestade o Principe

CARLOS DE PORTUGAL

Rey de Portugal, das Indias, e de Guinéa, e de Ethiopia Oriental e Occidental,

Archiduque de Austria, e de Hungria, e de Bohemia, e de Silesia,

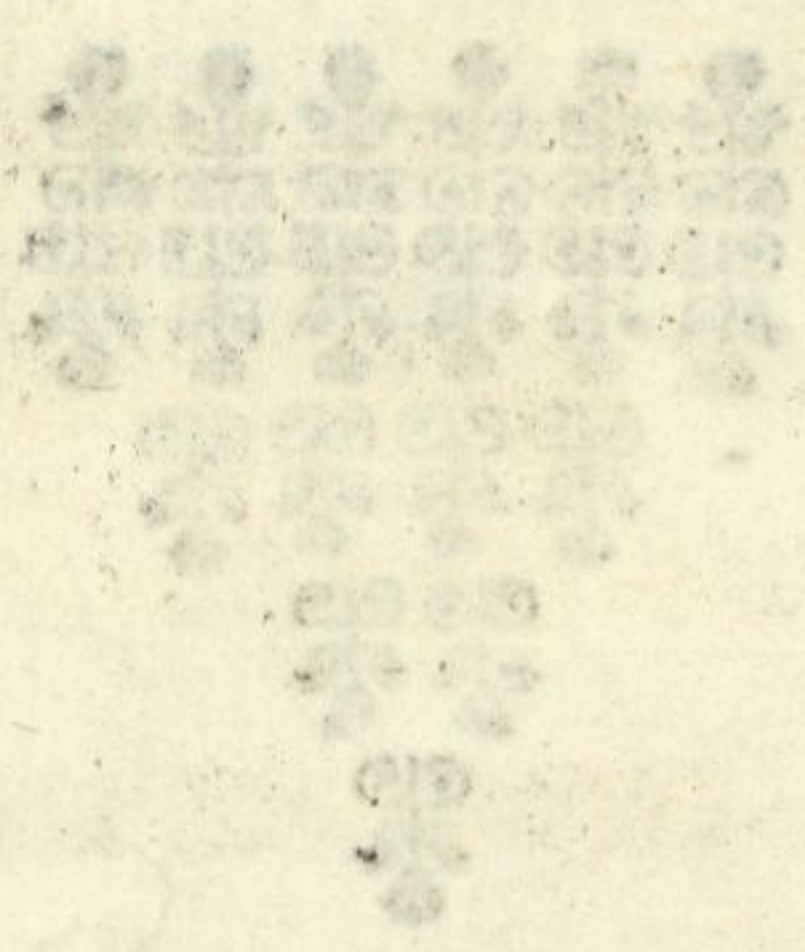
Archiducado de Carinthia, e de Carniolo, e de Tyrol, e de Styria,

JOÃO CARVAL DE NEGRINHOS

Escrivão da Real Chancaria de Sua Magestade o Principe

MARQUEZ DE PASSOS

Mestre de Letras em Lisboa.



Em SEVILLA: por JUAN FRANCISCO DIAS de QUESADA
Impressor Mayor da dicha Ciudad. Año de 1745.

DEDICATORIA.

PRIMO To-me-mos entre nós aquella mesma confiança, que tomão entre si os homẽs brancos huns cõpoem as obras, e outros aceitaõ as dedicatorias. Não vay fóra de proposito, que hum mestre de latir como eu, dedique as suas composições a hum mestre de latim como vós: mas por isso mesmo devieis saber, que o verbo mordeo mordes não se conjuga bem por lego legis. Se eu por via de amizade, e parentesco vos havia de atirar com hum osso, la vay em carne esta dedicatoria; e se alguem for tão atrevido que dè sinais de cortador, dizey-lhe, que ja he antiqua manha do assougue, que quem mal falla peor ouve. Abocanhay pois com boa vontade, o que não puderes roer com bom dente. Não estranheis que vos convide a ser o meu Me-cenas, porque parece justo, que a primeira obra minha que sahe á luz do mundo, passe pelo ar pardo da vossa protecção; como eu a componho em estylo crespo, não he bem que saya fóra da jurisdição da carapinha. Se me custou o suor

do meu rosto o compola, custe-vos o suor do vos-
so braço o amparala, e deste modo quando por
amor de nós não queiraõ os maldizentes tapar
as bocas, sempre por amor da catinga taparãõ
os zoilos os narizes. Recorro ao vosso patro-
cinio, para que se encanzone na defença desta
obra; e em quanto no palacio de Minerva se
não uza o honorifico emprego de enxota caens,
se haveis de ir ladrar a huma orta, guarday,
e defendey estas verduras. Eu não me meto a
averignuar se andastes acertado em me-ter-vos
nestas lingoajens, sem ver que não estaveis
muito capas de ler por escrito; mas do modo
que posso, acudo pelo vosso negregado credito,
que animal por animal, mais vale ser cão que
ladre, que burro que asnee. Não se poderá
dizer por mim, que quem cabras não tem
Etc. porque ainda que vós não podeis parir
cabritos, com tudo eu sempre tenho por vosso tu-
do o que tras o vosso nome. A Deos meu primo
o mesmo Senhor vos faça branco; pois to-cão em
vosso obsequio o paracumbè dos applausos, os
clarins da fama, as folias da gaita, e as chara-
melas da oppiniãõ.

Vosso amante, e venerador primo

Manoel de Passos.



SOL DA VERDADE

CONTRA AS SOMBRAS DA Ignorancia.

COm effeito, meu estimadissimo Polydoro, com effeito, sahio a luz a suspirada *Censura Catholica*, contra o Anonymo ignorante, e contra o partido heretico. Taõ ajustada aos preceitos da rethorica, como nos informaõ os seus periodos; taõ conforme às regras da Sciencia, como nos dizem os seus reparos; taõ zelozza dos dogmas da Fé, como comprovaõ as suas duvidas. Sahio com effeito, amigo Polydoro, no sabbado de palmas, e naõ foy desprezar no monte os altos Cedros, mas buscar no valle as insignias de triumpho; pois para hum partido taõ vitoriozo, seria descredito do entendimento naõ eleger a solemnidade do dia. Eu naõ vi quadro, que mais divirta os olhos, porque todas aquellas flores saõ recreyo dos sentidos. O emprego resulta em utilidade para o nosso gosto, e em credito do Author para os seus elogios; pois naõ lhe negaremos, que o desempenho desta obra accredita a eminencia daquelle espirito. A Alma sepultada no cáos da occiozidade, naõ exercita aquellas opperaçoens das potencias, a quem servem de fiscaes os sentidos. A memoria se exercitou feliz, porque em oito mezes de tempo se lembrou agora da carta. O entendimento operou fecondo, porque quanto discorre he proveitozo. A vontade tendo para as resoluçoens o ser livre, aumentou na resoluçaõ o seu merito. Naõ se pòde dizer, que este seu trabalho foy desnecessario, porque se entre penas estavamos sentindo hum mal, entre as flores da eloquencia viemos a achar hum Gozo. No frontispicio do quadro leyo o nome do Author, circumstancia, que nos aviza quem poz na pintura as sombras: *Apelles faciebat*. Eu vos affirmo meu estimadissimo Polydoro, que temo

temo seja este Author perseguido, porque sempre os partos de algum engenho sublime se julgáão abortos da simplicidade ignorante. Melhor he seguir a Saturno, que prezide nas sombras, que a Minerva, que nos fomenta a luz; a Jupiter, que fulmina os rayos, que a Apollo, que nos dita as sentenças; a Baco, que he o Pay da borracheira, que a Mercurio, que o he mestre da eloquencia. Esta verdade a qualifica aquelle alto defengano do celebre Pastor Lucindo.

Na triste solidão de hum bosque, chorava saudozo os seus males, imprindo suspiros de ouro, em verdes folhas de esmeralda. Convidou-o Aristoteles a que passasse a Athenas, para frequentar nas Aulas de Mercurio os acertos da eloquencia; e que como a esta Deidade se consagravaõ linguas de prata, no sacrificio da Ara acharia huma lingua de ouro. Reconheço, disse Lucindo, essa Deidade de Mercurio, tem azas na cabeça por sabio, e tambem as tras nos pés por fogitivo; no Templo das graças lhe deu hum pintor assento, e logo em huma pedra o vi sem applicação sentado. He o seu dia o de quarta feira, e não tem imperio nos mais dias; tem a fortuna de ser eloquente, e será a Deidade mais perseguida. Contentome com ver o Sol ardente, que ainda entre estas montanhas faz luzidos os penhascos; e quando no signo de Capricornio o julgo vizinho às sombras, a hum fechar, e abrir de olhos apparece no Oriente mais claro. O que se podia julgar como ultimo periodo da sua vida, são huns suspiros de luz por ter todo hum Sol por alma. Não quero prendas de sabio nas Cortes, quero exercicios de Pastor no campo. Não dezejo amigos nas Aulas, pois tenho este gado na selva; não pretendo ser eloquente para ostentar, pois me sobra estylo para attrahir; a hum mé, mé, parte o meu Bode, e a hum tó, tó corre o cachorro. Este o parecer do Pastor Lucindo nos retiros do seu campo, e este o espelho dos sabios na publicidade das Cortes.

Nem todos os escritores podem ser felices, porque sendo os engenhos taõ desiguaes como os semblantes, huns com os seus conceitos se remontaõ ao luzido da Esfera, outros com as suas ignorancias não passaõ do abyssmo das sombras. A ser justo dezejar as Censuras, seriaõ patronos os calumniadores, porque aparece mais agigantado o entendimento de hum Sabio, quando

do o julga pygmeo a simplicidade de hum ignorante. Vereis, amigo Polydoro, que entre todas as Aves, que a fadigas de arrebataados voos gyraõ em golfo de luzes essa nobre regiaõ da Esfera, só ao Morcego concedeo a providencia dentes; *Volucrum nulli dentes prater vespertilionem.* E se o Ceo o naõ permitio para distinguir este individuo, a providencia o destinou para molestar tantos Sabios. He o Morcego hum embaraço dos olhos; huma duvida dos sentidos; hum correyo, que traz a noyte; e huma mentira a quem sepulta o dia; hum perfido monstro, que mais parece aborto da infelicidade, que esmero da natureza. Saõ as Aves taõ amantes da luz, que ao compasso das ligeiras azas solemnizaõ com vozes a formosura do dia; saõ huns geroglyficos dos Sabios, que com o laborioso das suas pennas remontaõ a esfera os seus discursos. Tenha pois dentes o Morcego, que como parto das sombras tem para morder a noyte, naõ tenhaõ dentes as Aves, que como espeilho de Sabios tem para voar o dia. Receyo, amigo Polidoro, que contra aquelle parto de luz, se arme o esquadraõ das sombras, que contra aquellas vozes de prata conspirem suspiros de fumo. Mas conforme-se o Sapiientissimo Author, com o desengano de Seneca, que devemos desprezar as murmuraçoens do vulgo ignorante, como o bruto de elpirito guerreiro despreza os latidos dos perros: *Latratus minorum canum securus exaudit.* Proprio he padecerem os discretos martyrio; mas quem pòde negar, que no crysol da inveja lhe poem novo esmalte a violencia? Quem pòde conciliar aplauzos no conceito dos bons, que naõ desperde blasfemias na boca dos máos. Naõ necessita o Ceo de dar satisfaçoens ao Mundo, pois lhe serve de abono verem o que tem obrado; ficaõ rezervadas as suas permissões, para huns negros, e infelices vapores, que quando correm com o intento de eclypsar, apparece de novo o Sol com o tymbre de mais lusido: *Nitetque magis post nubila Phæbus.*

Mas ay meu estiniadissimo Polydoro, que agora suspendo o conceito, com o avizo, que recebo do nosso amigo Anonymo. Taõ turbado me escreve, que ainda no sobre escripto me naõ soube acertar com o nome. Suspendey, me diz, a penna, que naõ merece os louvores vossos, quem desacredita o engenho Luzo. Naõ he digno de ser aplaudido hum aleivoso tigre disfarçado em trajo humano. Suspendey, suspendey a penna,

Plin. lib.

II.

Senec:
lib. I. de
ira.

na; que sobre ficar agravada a razaõ, dareis mayor força ao vicio. Este zelador dos dogmas da Fé, e se faccionario do partido francez, he aquelle Cerbero do inferno, que pela virtude de Hercules sahio à luz do Mundo.

*Hic canis horrendus nigrantia Limina
Servat.*

Præditus arte mala: Cauda blanditur

Et aure.

Hesiodor.

Naõ permita o Ceo, se molhem as pennas de huma remontada Aguia nas salivas de huma abatida fera; naõ cheguem a ver os olhos o q̃ naõ ignoraõ as desigualdades. Suspendey, que naõ me póde deslustrar a fama o que me offerece a inveja por troféo. E se humilde servo de Saturno, que á raiz do Monte Parnazo sempre foy sentinela da noyte, he o mesmo que elogiou com versos aquella celebre Oraçaõ Academica onde os conceitos, que na poesia se julgaõ ellevados, saõ abatidos oprobrios contra o alto esplendor francez. Suspendey; e se o avizo vos naõ serve de emenda, uzarey de meynos, que vos naõ sirvaõ de agrado. Atè aqui o Anonymo. E confeço Amigo Polydoro, que turbadas as potencias com o avizo querem fugir da averiguaçaõ os olhos. Naõ he possivel neste apertadissimo lance cederem os escrúpulos em beneficio do attento; porque ainda que naõ perigues a honra, se queixaria vulnerada a justiça. Em hum livro que profana a immuniidade do respeito tantos louvores, contra huma Carta que offerece quatro noticias tantos oprobrios? Ou he triste sonho em que trabalha a fantazia, ou escandaloso Oriente, em que reffuscita a iniquidade. Averiguemos o motivo á sem razaõ, que sobra para castigo do culpado. Para elogiar o valor, e a formosura lhe deu o Author do livro dois prezuntos mizurados. Se quereis ver poderoso o motivo, attendey ao que nos conta hum Sabio; e será pertinaz idolatria do amor proprio, se naõ avaliamos o invento por milagre. Apareceo Alexandre àquelle alto espirito de Diogenes, que tinha por medicina da pobreza, o sofrimento dos trabalho, e lhe perguntou se o conhecia? Quem sois vòs Senhor? Disse Diogenes. Eu sou aquelle grande Rey, respõdeo Alexandre, q̃ a brados da fama, eternizo os creditos do nome. E eu sou aquelle caõ, replicou Diogenes, q̃ a eccos da
pobreza